

HANNAH ARENDT E A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO

HANNAH ARENDT Y LA FUNCIÓN DE LA EDUCACIÓN

HANNAH ARENDT AND THE ROLE OF EDUCATION

José João Neves Barbosa Vicente¹

Resumo. Hannah Arendt não é propriamente uma pensadora da educação, como observaram alguns dos seus leitores, mas em sua época ela refletiu profundamente sobre essa atividade no intuito de compreender a sua verdadeira função na sociedade; o resultado dessa reflexão se mostrou não apenas consistente e útil naquele momento, mas também indispensável para o debate futuro sobre a prática educativa como um todo. Assim, o objetivo deste texto é apresentar e destacar, ainda que modo introdutório, o posicionamento dessa pensadora sobre a função da educação, a partir dos seus próprios escritos e dos textos de alguns autores que dedicaram e dedicam suas pesquisas à compreensão do seu pensamento educativo.

Palavras-chave: Educação. Hannah Arendt. “Mundo”. “Recém-chegados”.

Resumen: Hannah Arendt no es exactamente una pensadora de la educación, como han observado algunos de sus lectores, pero en su época reflexionó profundamente sobre esta actividad para comprender su verdadera función en la sociedad; el resultado de esta reflexión resultó no sólo coherente y útil en su momento, sino también indispensable para el debate futuro sobre la práctica educativa en su conjunto. Por lo tanto, el objetivo de este texto es presentar y destacar, aunque sea de forma introductoria, la posición de esta pensadora sobre la función de la educación, a partir de sus propios escritos y de los textos de algunos autores que han dedicado y dedican sus investigaciones a comprender su pensamiento educativo.

Palabras clave: Educación. Hannah Arendt. "Mundo". "Recién llegados".

Abstract: Hannah Arendt is not exactly an educational thinker, as some of her readers have observed, but in her time she reflected deeply on this activity in order to understand its true function in society; the result of this reflection proved to be not only consistent and useful at the time, but also indispensable for future debate on educational practice as a whole. Thus, the aim of this text is to present and highlight, albeit in an introductory way, the position of this thinker on the function of education, based on her own writings and the texts of some authors who have dedicated and are dedicating their research to understanding her educational thinking.

Keywords: Education. Hannah Arendt. "World." "Newcomers."

¹ Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Introdução

Hannah Arendt é uma pensadora que ocupa lugar de destaque no campo do pensamento político ocidental, seus estudos e suas reflexões sobre esse tema se tornaram imprescindíveis, principalmente quando se pretende compreender os grandes acontecimentos políticos que marcaram o século XX. Em relação ao pensamento educativo, no entanto, é preciso destacar que sua atenção e dedicação foram menos intensas e abrangentes, o que não significa dizer que ela não discutiu o tema da educação em seus escritos. Na verdade, como muito bem observou Aguiar (2008, p.24) em um dos seus estudos sobre Hannah Arendt, apesar dessa pensadora não ter privilegiado “uma reflexão sobre a educação e, muito menos, sobre as práticas educativas [...] podemos perceber que a educação foi incluída, explicitamente, nas suas reflexões sobre a crise inerente às sociedades modernas e contemporâneas”. Portanto, apesar de ter dedicado intensamente à compreensão dos acontecimentos políticos do seu tempo, Hannah Arendt também refletiu, ainda que com menor intensidade, sobre questões educativas.

Suas considerações sobre a educação certamente não tinham como pretensão ou objetivo elaborar uma teoria educacional, mas apenas responder às questões específicas vivenciada por ela, mesmo assim, é preciso sublinhar, como veremos a seguir, que Hannah Arendt disse algo importante e imprescindível sobre a educação que serve para pensar e melhorar a prática educativa em nosso tempo. Não se pode ignorar, por exemplo, o seu posicionamento sobre a necessidade de uma educação capaz não apenas de introduzir as novas gerações em um “mundo” que elas não conheciam, mas também de colaborar efetivamente para que esses novos indivíduos assumam efetivamente a total responsabilidade por esse mundo que eles acabaram de chegar, no sentido de preservá-lo e renová-lo (Nixon, 2020; Snelgrove, 2014; Vicente, 2021; Filho, 2014). Nesse sentido, o objetivo deste texto é apresentar de forma introdutória algumas considerações de Hannah Arendt sobre educação, principalmente aquelas que enfatizam a função dessa importante e imprescindível atividade humana.

O “acolhimento”

Todos aqueles que chegam a este “mundo” devem ser acolhidos pela educação. De acordo com Hannah Arendt (1972), esse ato de acolhimento deve ser efetivo e cuidadoso para que os “recém-chegados” possam se sentir, de fato, em casa no mundo. O acolhimento não se reduz a uma simples tarefa educativa de receber ou dar boas-vindas a uma criança em seu primeiro dia de aula, trata-se de uma ação essencial e efetiva capaz de contribuir para salvar o mundo da “ruína”. Quando a educação acolhe os novos seres humanos, o objetivo principal é introduzi-los aos poucos e de forma consistente e efetiva em um mundo que eles não conheciam e nem possuíam qualquer tipo de familiaridade ou relação, mas que agora passa a ser algo como a sua própria casa; assim, é importante destacar que o modo como são acolhidos e introduzidos no mundo é fundamental, porque se tudo for feito de modo correto e adequado, esses novos indivíduos poderão desfrutar substancialmente deste mundo, agir, protegê-lo e renová-lo.

Entre os seres humanos, a educação é uma atividade necessária e indispensável não apenas para eles, mas também para o “mundo comum” no qual habitam. Em termos arendtianos, todos os novos seres humanos que chegam a este mundo precisam ser acolhidos e iniciados no processo educativo, mas a educação desses indivíduos não pode ser praticada como se ela fosse, por exemplo, algo *ad aeternum*²; o ato de educar, de acordo com a perspectiva de Hannah Arendt, como observou Slmith (2001, p.78), termina quando esses novos indivíduos “entram no mundo dos adultos”. Isto é, a educação deve acolher e introduzir os novos seres humanos no mundo que é o espaço “que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos” (Arendt, 2009, p.65). Para Hannah Arendt, portanto, o mundo no qual os recém-chegados são introduzidos, não é um espaço que possa ser identificado, por exemplo, com a “terra” ou com a “natureza” e nem se reduz a um simples “espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas” (Arendt, 2009, p.62). A educação não pode deixar de exercer essa função imprescindível para o bem dos indivíduos e do mundo.

² “para sempre”; “eternamente”.



O mundo como percebido por Hannah Arendt, é algo que se “desgasta” e pode “tornar-se mortal” assim como os seres “mortais” que o construiu; apenas a educação tem o poder de salvá-lo ou de evitar que ele chegue a essa condição. Para isso é preciso que este mundo seja colocado em ordem continuamente, “educar de tal modo que um por-em-ordem continue sendo efetivamente possível, ainda que não possa nunca, é claro, ser assegurado” (Arendt, 1972, p.243). A educação precisa acolher cada recém-chegado e valorizar a capacidade de cada um deles de iniciar algo novo, mas também deve lembrar sempre da necessidade de preservar o mundo construído pelos mortais, principalmente para que ele não morra como eles. É por isso que o acolhimento de cada novo ser humano que chega a esse mundo precisa ser feito com todo o cuidado e dedicação para que ele possa sentir que o mundo é, de fato, a sua verdadeira casa e que ele precisa entendê-lo, assumir responsabilidade por ele e comprometer-se totalmente com sua preservação.

A educação

Acolher os recém-chegados, protegê-los, prepará-los e orientá-los para que eles possam pensar e agir no mundo com liberdade e segurança é, essencialmente, uma tarefa que deve ser executada apenas pela educação. A atividade educativa tem o dever de acolher os recém-chegados e orientá-los de forma gradual e com todos os recursos disponíveis; cada novo ser humano que chega a este mundo precisa do acolhimento da educação para que, cada um deles, possa entender efetivamente o significado de assumir a total responsabilidade por este espaço que agora faz parte da sua vida e seja capaz de preservá-lo, agir e iniciar nele algo novo. Para isso, é necessário que a atividade educativa se esforce para “introduzir o jovem no mundo como um todo” (Arendt, 1972, p.246). Sem essa introdução total dos indivíduos no mundo, a educação deixa de cumprir sua principal função.

A educação como entendida por Hannah Arendt em seus escritos, não pode abrir mão de cumprir o seu papel. Como destacou Carvalho (2013, p.39) em um de seus estudos, ela é “a forma pela qual cada um de nós vem a *deitar raízes* neste mundo, ao qual chegamos como estrangeiros, mas com o qual podemos desenvolver laços de pertença e compromissos de renovação de modo a torná-lo *nosso mundo*”. O principal



objetivo da atividade educativa de acordo com a perspectiva de Hannah Arendt, consiste em acolher os recém-chegados e os jovens e prepará-los para a “vida adulta”; uma vez preparados, eles podem assumir responsabilidades e obrigações fundamentais que consistem basicamente na preservação do mundo e no agir para começar algo novo.

É preciso cuidar e proteger os novos seres humanos. Para Hannah Arendt, como destacou Fonseca (2016, p.503), “cada novo ser que se insere no mundo requer cuidado e proteção tanto no sentido de zelar pelo seu desenvolvimento como de zelar pela continuidade do mundo”. É, portanto, função da educação exercer este nobre e imprescindível papel que consiste em acolher, cuidar e zelar; exercer esse papel é contribuir para o desenvolvimento efetivo de cada novo ser humano que chega a este mundo diariamente. Em termos arendtianos, a educação é, certamente, a única passagem dos indivíduos para o mundo adulto. Desse modo, “os professores”, como disse Snir (2018, p.24), “ficam na frente de seus alunos como representantes do mundo, e sua principal tarefa é assumir a responsabilidade pelo mundo, independentemente de qualquer crítica que possam ter sobre ele”. Todos os meios necessários e adequados devem ser utilizados pelos professores, não apenas para introduzir esses novos seres humanos no mundo, mas também para que eles possam amar e se envolver efetivamente com esse mundo.

Para educar efetivamente é necessário amar o “mundo” e as “crianças”. Parece que é isso que Hannah Arendt quis dizer em seu texto, quando ela escreveu de modo incisivo que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” e, logo em seguida, disse também com a mesma intensidade que a educação é “onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos” (Arendt, 1972, p.247). A educação precisa se esforçar para não impedir em nenhum momento que os novos seres humanos tenham a oportunidade de iniciar algo novo no mundo, ela precisa ser sempre um caminho para o desenvolvimento plena das capacidades daqueles que chegam a este mundo. Para Hannah Arendt, a educação, como destacou Nixon (2020, p.16), é “um fator chave na iniciação da criança no mundo adulto e na responsabilidade do mundo adulto de iniciar a criança naquele mundo”. Portanto, parece evidente que, de acordo com a perspectiva arendtiana, para se entrar no mundo adulto é necessário passar pela educação.

Assim, todos aqueles que se envolvem com a atividade educativa, certamente não devem abrir mão ou recusar uma das suas principais funções que consiste



basicamente em apresentar adequadamente o mundo aos recém-chegados e aos jovens. Essa apresentação do mundo aos novos seres humanos deve ser uma ação que possibilite a cada um deles compreender e conhecer esse mundo exatamente como ele é. Aquele que educa deve “servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado” (Arendt, 1972, p.244). Certamente, para Hannah Arendt, este é o principal “ofício” daquele que se envolve efetivamente com a atividade educativa; a educação dificilmente alcança seus verdadeiros objetivos quando falta o profundo respeito pelo passado por parte dos educadores. A existência e a sobrevivência dos recém-chegados e jovens que são potencialmente capazes de garantir uma “nova ordem” neste mundo, dependem do exercício efetivo da função da educação para com cada um deles.

Como já foi mencionado em vários momentos deste texto, de acordo com a perspectiva arendtiana, a educação deve se esforçar ao máximo para introduzir os novos seres humanos “no mundo como um todo” e não “em um segmento limitado e particular dele”. Esse esforço evita, certamente, que a prática educativa entre por um caminho que possa conduzi-la a correr riscos e a degenerar “em retórica moral e emocional” (Arendt, 1972, p.246-247). De acordo com os argumentos de Hannah Arendt, como destacou Nixon (2020, p.27), a educação “é um espaço dedicado à reflexão”; nesse espaço singular estão protegidos ou em um fórum robusto, todos “aqueles que se mudam para a idade adulta”. Mas esse espaço protegido que é a educação, não pode ser visto ou entendido como um lugar fechado e nem como ambiente contra a renovação; pelo contrário, trata-se de um espaço totalmente aberto e exige que a renovação aconteça de forma constante e ininterrupta.

Ainda de acordo com Nixon (2020, p.41), a educação é um espaço “dedicado à proteção da liberdade: um espaço no qual aprendemos a reconhecer e a respeitar as diferenças”. Para Hannah Arendt (1972), a educação é, fundamentalmente, uma atividade “conservadora”, principalmente porque ela tem a ver essencialmente com acolher, cuidar, proteger e preservar o “novo” e o “revolucionário” em cada indivíduo, bem como o mundo no qual vivemos. Em outras palavras, falar da educação a partir dos escritos de Hannah Arendt sobre esse assunto, significa não esquecer jamais que “a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça da parte do mundo”. Além disso, de acordo com a pensadora, é preciso estar sempre ciente também que “o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração” (Arendt, 1972, p.235).



Nunca é demais lembrar que essa posição “conservadora” de Hannah Arendt em torno da atividade educativa, não quer dizer, de modo algum, que ela está preocupada em defender a educação como uma atividade fechada e exclusiva, o posicionamento da pensadora é, na verdade, radicalmente a favor de uma educação protegida, mas aberta e inclusiva.

Em Hannah Arendt, o “conservadorismo”, como escreveu Levinson (2001, p.19), não é uma volta ao “passado para resistir à incursão do novo” e considerar a educação como uma atividade que preserva o “*status quo*” ou que retorna “a um modo de vida anterior”. Seu conservadorismo considera que “o objetivo da educação não é preservar o velho sem pensar” e “nem valorizar o novo por si mesmo”. Para ela, “preservar a novidade é ensinar de tal maneira que os alunos adquiram uma compreensão de si mesmos em relação ao mundo, sem considerar o mundo ou seu posicionamento nele como fixo, determinado e imutável” (Levinson, 2001, p.19). De acordo com a perspectiva arendtiana, a educação exige a colaboração do mundo e de seus habitantes; apenas desse modo, como disse Bowen-Moore (1989, p.36), é possível “preservar o que é comum a todos (o mundo) e acolher o que é distinto e novo (as crianças)”. Todos aqueles que se envolvem com a atividade educativa, precisam estar dispostos a agir no sentido de preparar os recém-chegados e jovens para a vida adulta e conscientiza-los de suas obrigações e responsabilidades para com o mundo. A capacidade de iniciar algo novo presente em cada novo ser que chega a este mundo, precisa ser protegida e preservada, o mundo também precisa de proteção e preservação.

Em termos arendtianos, a atividade educativa não pode abrir mão de apresentar o mundo aos novos seres humanos. Como sublinharam Cesar e Duarte (2010, p.826), em Hannah Arendt, a educação desempenha um papel importantíssimo na “conservação do mundo”, pois ela apresenta “aos jovens o conjunto de estruturas racionais, científicas, políticas, históricas, linguísticas, sociais e econômicas que constituem o mundo no qual eles vivem”; afinal, para transformar esse mundo, ele “deve estar sujeito à conservação”. A esperança sempre é depositada nos novos seres humanos que serão introduzidos no mundo através da educação, mas tudo pode ser destruído se eles forem controlados, moldados e dirigidos para um propósito pré-estabelecido; em outras palavras, os “novos” não podem ter “sua aparência futura” ditada pelos “velhos”. Para Hannah Arendt, em cada recém-chegado existe o “novo” e o “revolucionário”; trata-se, portanto, de uma “novidade” que a educação deve preservar e introduzir “como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do



ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição” (Arendt, 1972, p.243). A educação tem o dever e a obrigação de apresentar o mundo aos novos seres humanos, sem esconder nenhuma parcela da realidade.

Nesse sentido, o educador precisa respeitar seus educandos e assumir a sua responsabilidade para com eles e para com o mundo no qual ambos estão inseridos; o educando deve ser apresentado ao mundo pelo seu educador para que ele possa inserir nele “algo novo”. O educador tem o dever de cuidar dos recém-chegados e jovens para que eles possam preservar o mundo que já existia antes deles e agir para iniciar algo novo. É por isso que “a função da escola” consiste em ensinar “como o mundo é” e não em instruir as pessoas “na arte de viver” (Arendt, 1972, p.246). É normal que alguns adultos/educadores não gostem do mundo, mas eles precisam assumir o seu papel e inserir os recém-chegados nele, afinal, estes ainda não estão na condição de assumir a responsabilidade pelo mundo. Para Hannah Arendt, o “mundo comum” a todos nós é algo que “transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isto o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e aqueles que virão depois de nós” (Arendt, 2009, p.65). É este mundo de “artefatos, crenças, instituições e linguagens” que compartilhamos; é nele que os educadores precisam inserir os “novos” para que tenham a oportunidade de começar algo novo e fazer surgir o inesperado e o imprevisível.

Para Hannah Arendt (1972), aquele que educa, além de cuidar do mundo, cuida também dos seus educandos. Acolher e cuidar de cada ser humano que chega a esse mundo, são ações fundamentais para o início da história de cada um deles; eles necessitam desse acolhimento e desse cuidado. Como disse Almeida (2011, p.20-21), “constantemente o mundo recebe novos seres humanos, que ao nascer, aparecem nele como uma novidade. Os recém-chegados precisam ser acolhidos e familiarizados com este espaço comum e seu legado, que futuramente estarão sob sua responsabilidade. A tarefa da educação, portanto, é introduzir as crianças num mundo que lhes antecede e que continuará depois delas”. Assim, educar é acolher cuidadosamente e contribuir efetivamente para que cada um possa se inserir, de fato, em um “mundo comum” guiado pelo respeito absoluto à pluralidade e à diversidade de opiniões e de pontos de vista. A educação jamais deverá permitir a defesa ou a propagação de uma única ideia ou de um único ponto de vista.

O educador, o educando e todos os seres humanos, precisam lembrar sempre que o “mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva” (Arendt, 2009, p.68). O educador, como disse Carvalho (2013, p38), tem uma “incontornável *responsabilidade*” pelo mundo, isto é, “pelo legado histórico-cultural no qual é seu dever iniciar os jovens para que eles possam, futuramente, assumir a dupla e paradoxal responsabilidade de conservá-lo e renová-lo”. Aqueles que acabaram de chegar precisam preservar o mundo e deixar suas marcas ou iniciar algo novo, por isso necessitam de uma prática educativa capaz de protegê-los e prepará-los para essa tarefa. Para Hannah Arendt, educar é uma atividade cujo foco principal é iniciar os educandos na realidade própria do mundo, não o mundo do ponto de vista dos educadores, mas sim o mundo como foi e é. Não se pode exercer a atividade educativa sem o respeito e a responsabilidade pelos educandos e pelo mundo; além disso, aquele que educa precisa estar ciente que, a sua principal tarefa, consiste basicamente em acolher e preparar cada novo ser humano para “assumir e renovar” o mundo. É por isso que a “educação”, como afirmaram César e Duarte (2010, p.826), “não pode jamais ser entendida como algo dado, pronto e acabado, mas tem de ser continuamente repensada em função das transformações do mundo no qual vêm à luz novos seres humanos”. A ação educativa deve sempre proteger e estimular a capacidade de iniciar algo novo presente em cada novo ser humano que chega a esse mundo; ignorar ou tentar tolher essa capacidade é agir contra a educação.

O ato de “educar” consiste, portanto, para Hannah Arendt, como disse Almeida (2008, p.467), em “acolher” e preparar “os ‘recém-chegados’ para que futuramente possam assumir e renovar esse lugar que lhes será legado. Para tanto, é preciso familiarizá-los com o mundo para que possam apreciá-lo a tal ponto que percebam que vale a pena ‘apostar’ nele e se empenhar em sua transformação”. Em outras palavras, “a educação”, para Hannah Arendt, como afirmou Braga (2006, p.64), “significa preparar para o mundo [...] consiste na atividade cujo escopo é inculcar a responsabilidade de preservar o mundo, o espaço público, assumindo seu lugar nele”. Além de contribuir para que os recém-chegados e os jovens tenham a oportunidade de colocar “algo novo” no mundo e renová-lo, a educação tem também o dever de trabalhar incessantemente para que os educandos enxerguem esse mundo como o seu próprio lar e como lugar de convivência entre os homens; apenas dessa forma eles poderão conservá-lo e iniciar uma nova história. Somente aqueles que amam o “mundo” e seus educandos estão verdadeiramente aptos a contribuir com a nobre tarefa de educar que, em termos



arendtianos, como destacou Fry (2010, p.108), não se trata de uma atividade “na qual os professores são considerados capazes de ensinar qualquer assunto, estimulando a ‘capacidade de aprender’, em vez de enfatizar a importância do conhecimento real e profundo”.

Ainda de acordo com Fry (2010, p.108), “a verdadeira educação”, como entendida por Hannah Arendt, “deveria ter o devido respeito pelo passado e preparar as crianças para, no futuro, participarem do mundo, assumindo-lhe a responsabilidade”. Atualmente existem muitas teorias que defendem a “inovação” e as “atividades lúdicas” no campo da educação. Aqueles que defendem essas práticas, certamente estão convencidos da sua eficácia no processo educativo; de todo modo, como alertaram Nascimento e Garcia (2015, p.50), “é preciso muito mais do que atividades lúdicas e inovações para que a educação possa contribuir para que os sujeitos estejam aptos a pensar e agir no mundo comum, com responsabilidade e comprometimento”. É dever daquele que educa estimular incessantemente em cada indivíduo a sua capacidade de refletir e de agir, para que ele não se omita e nem fuja dos seus compromissos diante da realidade do mundo. A educação que não se compromete com a tarefa de inserir os jovens no “mundo comum” para que eles possam pensar e agir com responsabilidade e comprometimento, no sentido de conservá-lo e renová-lo, não passa de um ato vazio; o educador que não se compromete em assumir a responsabilidade para com o mundo e seus educandos, no sentido de zelar para que um não aniquile o outro, não deveria participar da atividade educativa.

Considerações finais

Em termos arendtianos, a educação não pode abrir mão de acolher os novos seres humanos e inseri-los no mundo; assim, os educadores não podem abrir mão de ensinar aos seus educandos sobre o mundo e a necessidade de mantê-lo em perfeita condição para as futuras gerações. É preciso evitar a “perda” daquilo que Hannah Arendt chamou de “capacidade humana de construir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após” (Arendt, 1972, p.132). Assim, como disse Soares (2017, p.19), “Um educador responsável não se omite e assume um papel como um representante dos habitantes adultos do mundo. Com responsabilidade, o professor aponta as coisas e as realidades e diz: eis aqui o nosso



mundo... é importante que você aprenda tudo o que puder sobre esse mundo”. Aquele que conhece o mundo como ele é, está apto a assumir a responsabilidade por ele, por isso a educação não pode abrir mão da sua função, não pode deixar de responder pelo mundo. Os “alunos”, como destacaram Nascimento e Garcia (2015, p.61), “necessitam compreender que este mundo é o lar comum de múltiplas gerações, percebendo a importância de sua relação com gerações passadas e vindouras”. Em prol da educação, não se pode ter medo de lutar. Como disse Soares (2017, p.20), “lavar as mãos, ficar alienado e não se comprometer com as novas gerações diante do mundo, é um ato irresponsável em relação ao destino comum da humanidade. Quem ama o mundo não se omite e não se demite. Luta com coragem e esperança em prol da natalidade, da infância e da educação”. Cada educador precisa conhecer o mundo e assumir a responsabilidade por ele. Nas palavras de Hannah Arendt, “qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação” (Arendt, 1972, p.239). Aquele que educa abre-se à reflexão diante da chegada do “novo”; ele expressa o seu amor ao mundo comum, para que ele continue sempre a existir como uma novidade para os recém-chegados que têm a capacidade de iniciar um “novo ciclo”. De acordo com Souza (1999, p.87-97), “ainda hoje, a escola valoriza o acúmulo de saberes e habilidades em detrimento de uma educação que incentive a criatividade e a capacidade de reflexão”, bem como a busca pelo “significado do mundo”; para ele, “é urgente educar para o pensamento”, porque “a vida” sem o pensamento “não vale a pena”. Ainda nas palavras desse autor, “educar para o pensamento é despertar de nosso sono de irreflexão; abortar nossas opiniões vazias e irrefletidas; indignar-se e admirar-se; abrir nossas janelas conceituais para o vento do pensamento e começar já o nosso diálogo interno”. Se queremos um “mundo” constituído por indivíduos capazes de protegê-lo e inserir nele algo novo, cada educador precisa assumir suas responsabilidades para com o mundo, acolher os novos seres humanos e introduzi-los “no mundo como um todo”, sem jamais ignorar ou negar a capacidade de cada um deles de pensar.



Referências

AGUIAR, Odílio Alves. Condição Humana e educação em Hanna Arendt. *Educ. e Filos.*, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 23-42, jul./dez. 2008.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. *Educação em Hannah Arendt: Entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Educação e liberdade em Hannah Arendt. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.3, p. 465-479, set./dez. 2008.

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BOWEN-MOORE, Patricia. *Hannah Arendt's Philosophy of Natality*. Macmillan Press, 1989.

BRAGA, Ivan Serra. *Crise na política e crise na educação: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. 2006. 113 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. *Reflexões sobre educação, formação e esfera pública*. Porto Alegre: Penso, 2013.

CÉSAR, M. R. A. DUARTE, A. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010.

FILHO, Fausto dos Santos Amaral. *Os filósofos e a educação*. Chapecó: Argos, 2014.
FONSECA, Paula Fontana. Eu não ando só: Hannah Arendt e o compromisso da educação. *Psicologia USP*, v.27, n.3, p.503-509, 2016.

FRY, Karin. *Compreender Hannah Arendt*. Trad. Paulo Ferreira Valério. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEVINSON, Natasha. The Paradox of Natality: Teaching in the Midst of Belatedness. In: GORDON, Mordechai (Ed.). *Hannah Arendt and education: renewing our common world*. Westview Press, 2001.

NASCIMENTO, Lizandra Andrade; GARCIA, Cláudio Boeira. *Hannah arendt: vínculo e distinção entre educação e política*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

NIXON, Jon. *Hannah Arendt: the promise of education*. Springer Nature, 2020.

SLMITH, Stacy. Education for judgment: an Arendtian Oxymoron? In: GORDON, Mordechai (Ed.). *Hannah Arendt and education: renewing our common world*. Westview Press, 2001.

SNELGROVE, David. Political Upheaval and Turmoil's Shaping Educational Philosophy: Hannah Arendt on Education. *Journal of Philosophy & History of Education*, v. 64, n. 1, p.21-38, 2014.

SNIR, Itay. Tradition, authority and dialogue: Arendt and Alexander on education. *Foro de Educación*, 16(24), 21-40, 2018.

SOARES, Ademilson de Sousa. Infância, natalidade e educação: diálogos com Hannah Arendt. *Educação Unisinos*, v.21, n.1, p. 12-20, janeiro/abril, 2017.

SOUZA, Marcelo Gustavo de. Educar para o pensamento: uma reflexão a partir de Hannah Arendt. *Perspectiva*, Florianópolis, v.17, n.32, p. 83-97, jul/dez. 1999.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Compreendendo a educação com Hannah Arendt*. Ananindeua: Itacaiúnas, 2021.

Submetido em: 15/05/2023

Aceito em: 16/03/2024